

O “MANJAR DOS DEUSES”: o papel do alimento típico na memória, no cotidiano, na vivência espiritual e na identidade dos agricultores do município sergipano de Simão Dias, Brasil¹

THE "FOOD OF THE GODS": the typical food role in the memory, in the daily life, in the spiritual experience and in the identity of Simão Dias Sergipe municipality farmers, Brazil

LA "COMIDA DE LOS DIOSES": la función de la comida típica en la memoria, en la vida cotidiana, en la experiencia espiritual y en la identidad de los campesinos del municipio sergipano de Simão Dias, Brasil

Luciano Ricardio de Santana Souza

Bacharel em Economia pela Universidade Federal de Sergipe
Mestre em Geografia e doutorando pela UFS
Avenida Marechal Rondon, Jardim Rosa Elze
Cidade Universitária Professor José Aloísio de Campos
CEP 49.100-000. São Cristóvão – Sergipe
E-mail: luciano.phd.npgeo@gmail.com

Resumo

A construção do Território e a busca pela criação das territorialidades são formas utilizadas pelo agricultor, no município sergipano de Simão Dias, Brasil, para dar existência a sua identidade ou representar seu “mundo vivido”. Porém, o Espaço Rural, onde ocorre a personificação da identidade e o surgimento do território e das territorialidades dos agricultores, encontra-se sob a lógica de domínio do poder do capital. Ademais, como formas estratégicas de autovalorização, os agricultores simãodienses encontram, na preservação dos alimentos típicos, as formas cruciais para a manutenção de suas heranças culturais, sociais e espirituais. Tal estratégia reverte os estigmas de dependência tecnológica e exclusão social, da qual a modernização da agricultura é a principal difusora. Através do alimento típico, o agricultor descobre seu “lugar no mundo”. O trabalho em tela foi construído através do levantamento de dados qualitativos com uso de questionários de entrevista para coleta de informações e de relatos orais dos agricultores acerca das relações sociais no campo e dos alimentos

¹Artigo apresentado no I Seminário Sobre Alimentos e Manifestações Culturais Tradicionais - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE – 21 a 23 de maio de 2012 - GT04- O Alimento como Memória e Identidade nos Territórios.

típicos. Além dos questionários, foi realizado o levantamento de alguns referenciais bibliográficos para a análise do problema em foco.

Palavras chave: Alimento Típico, Memória, Identidade e Agricultura.

Abstract

The Territory Construction and territoriality creation search are utilized forms for famers, in the Sergipe Simão Dias municipality, Brazil, to give existence to their identity or represent its “lived world”. But, in the Rural Space, where occur the identity personification and territory emerging and farms territorialities, meet under capitalist power dominion. Besides, as self-respect strategic, the simãodienses farms found, in typical foods, the fundamental forms to maintenance of yours cultural, social and spiritual heritages. Such strategy reverts to technology dependence stigmas and exclusion, which of agriculture modernization is diffuser principal. Through typical food, the famer discovers you “place in the world”. The paper in focus has constructed through qualitative data survey with interview questionnaires use to information swab and famer’s oral relates about social relationship in the countryside and the typical foods. Beyond questionnaires, it has realized any bibliographic references swab to focus problem analysis.

Keywords: Typical Food, Memory, Identity and Agriculture.

Resumen

La construcción del territorio y la búsqueda por la creación de las territorialidades son formas utilizadas por los campesinos, en el municipio sergipano de Simão Dias, Brasil, para dar existencia a su identidad o representar su “mundo vivido”. Sin embargo, en el Espacio Rural, donde ocurre la encarnación de la identidad y el surgimiento del territorio y de las territorialidades de los campesinos, encontrase debajo de la lógica de dominio de poder del capital. Además, como formas estratégicas de respecto a sí mismo, los campesinos encuentran, en la forma de preservación de comidas típicas, las formas cruciales para manutención de sus herencias culturales, sociales y espirituales. Tal estrategia revierte a los estigmas de la dependencia tecnológica y la exclusión, que la modernización de la agricultura es la cadena principal. A través de la comida típica, el campesino descubre su “lugar en mundo”. El trabajo aquí expuesto fue construido usando los datos cualitativos con uso de entrevistas oriundos de los cuestionarios a través de levantamiento de los datos cualitativos con uso de entrevistas oriundas de los cuestionarios para recoger informaciones y relatos orales de los campesinos acerca de las relaciones sociales y las comidas típicas. Además de los cuestionarios, fue realizado el levantamiento de algunas referencias bibliográficas para el análisis del problema.

Palavras clave: La Comida Típica, La Memoria, La Identidad y La Agricultura.

Introdução

A construção dos territórios rurais e de suas territorialidades sócio-culturais reflete as estratégias utilizadas pelos atores locais (os agricultores) para afirmação de sua

memória, do seu cotidiano e da sua identidade mediante “veículos” de propagação social das formas produtivas autônomas, relações comunitárias e os alimentos típicos.

Ao representar seu “mundo vivido”, a história do sujeito social perpassa por trajetórias, onde o alimento típico simboliza os vários estágios de cognição existente entre o mundo material, o mundo simbólico, o mundo afetivo e o mundo sobrenatural.

Como um verdadeiro “manjar dos deuses”, o alimento típico abre um canal de comunicabilidade tanto com a necessidade de socialização como com a necessidade de interface com o mundo sobrenatural. É real o uso de alimentos em festas, onde o encontro comunitário cria vínculos mais fortes entre os atores envolvidos. Desta feita, o alimento assume também o papel de instrumento de interconexão com o mundo espiritual ao ser empregado como forma de ornamentar os louvores aos santos nas “novenas”, batizados ou festejos religiosos.

Nos territórios rurais, onde ocorre à personificação da identidade, das memórias e das histórias de vida dos agricultores, encontram-se também o espaço de utilidade dos alimentos como formas de contribuir na revalorização dos modos de existência social e simbólica do próprio agricultor. O espaço da produção e das dificuldades do rural permite que haja espaço para o acalanto espiritual e cultural, no qual o alimento se torna instrumento crucial de vivência e de esperança.

O presente artigo propõe uma discussão acerca da contribuição dos Alimentos Típicos na construção da memória, do cotidiano, da vivência espiritual e da identidade dos agricultores no meio rural do município sergipano de Simão Dias. Para tal, o trabalho se segmentará em cinco análises fundamentais: o perfil geográfico do município de Simão Dias; as transformações no Espaço Rural do município sergipano de Simão Dias; o território, as territorialidades e a identidade no meio rural; a memória e o cotidiano: o passado e o presente em interfaces; os alimentos na construção do “mundo vivido” no meio rural simãodiense.

O estudo da área investigada: perfil geográfico do município sergipano de Simão Dias, Brasil

O município sergipano de Simão Dias está situado no sudoeste do estado de Sergipe, na micro-região de Tobias Barreto (hoje, delimitado no Território do Sertão Ocidental Sergipano). Simão Dias possui uma superfície de aproximadamente 560

quilômetros quadrados, apresentando um crescimento populacional em dez anos na variância de 36.785 habitantes (em 2000) para 38.724 habitantes (em 2010). A população rural de Simão Dias passou de 19.996 para 18.275 habitantes. Tal queda foi promovida pelo êxodo da mão-de-obra para as áreas urbanas. Já na área urbana, o crescimento apresentou uma variância populacional de 16.799 para 20.449 habitantes domiciliados na sede do município². Ademais, a queda do emprego nas áreas rurais geradas pelo avanço do agronegócio e da mecanização veio aliada ao afluxo de trabalhadores jovens para a sede do município e destinados à alocação na indústria de calçados³.

O município possui, também, um relevo menos acidentado, cujo potencial produtivo atinge uma área bem extensa em comparação aos demais municípios do estado. Seu relevo é menos dotado de acidentes geográficos (serras, depressões rochosas, etc.).

A bacia hidrográfica do município de Simão Dias é constituída pelos seguintes rios: Rio Vaza Barris, Rio *Caiçá*, Rio Jacaré e Piauí. Para Simão Dias, a precipitação média anual é de 880,0 mm com uma temperatura média anual entre 24,1 °C a 32°C na primavera, temperaturas de 27°C a 38°C no verão e temperaturas entre 14°C a 20°C no inverno. A vegetação de Simão Dias é constituída de capoeira, vestígios de caatinga, campos limpos e sujos, vestígios de mata ciliar e mata agreste.

O Espaço Agrário em questão: as transformações no espaço rural do município sergipano de Simão Dias, Brasil

O que deve ser entendido quando se percebe o espaço agrário do município sergipano de Simão Dias? A possível resposta está em permitir o estabelecimento dos possíveis componentes inerentes à mudança da técnica na agricultura simãodiense.

Segundo Bernardes (1995, p.242), pretende-se observar, no espaço rural, a presença da mudança técnica da agricultura moderna, principalmente, através da introdução desta na estrutura produtiva, social, política e territorial das comunidades agrícolas tradicionais. A presença das “transformações” baseadas na mudança técnica

²Dados baseados nos censos populacionais do IBGE, entre os anos de 2000 a 2010.

³Com a criação de postos de trabalho na Indústria de Calçados Dakota Ltda., boa parte da mão-de-obra jovem das áreas rurais foi destinada às vagas setoriais nesta fábrica.

não ocorre “automaticamente”: as técnicas no Espaço Agrícola ocorrem de modo que “se a mudança técnica incide diretamente sobre o espaço, este, em sua condição física ou social, pode oferecer resistência e constituir um fator condicionante” (BERNARDES, 1995, p. 241).

A lógica da agricultura química é amplamente difundida dentro da própria dimensão espacial da agricultura de subsistência, substituindo-a por um novo *modus operandi* de produção: a agricultura comercial em grande escala (Sá Jr., 1975, p.93-105). Esta mutação insere uma gama de artificialidades nos *habitus* dos agricultores, impondo os atrativos modernos como normas (ou regras) de produtividade e de reprodução social.

Em Santos (2002, p.63), resume-se o processo de construção e organização do espaço Rural como formado por um conjunto integrado e “solidário”, além de contraditório, de “sistemas de objetos e sistemas de ações (...)”. Santos observa que o espaço é composto atualmente por “objetos artificiais e por ações contidas” dentro da esfera de artificialidades estranhas ao lugar e seus habitantes, a exemplo da introdução das máquinas colheitadeiras, das sementes transgênicas e a dependência financeira para com os bancos nas áreas rurais de Simão Dias. Tais implementações técnicas são acompanhadas pela perda de interesse, por parte dos agricultores, pela manutenção das relações sociais ou comunitárias herdadas dos avós e dos pais. Estes “novos objetos artificiais” são amplamente estranhos às velhas práticas produtivas baseadas no uso da enxada, da “grade” (o famoso riscador usado para reforçar a aragem, abrindo sulcos regulares no solo para o plantio), arado e “plantadeira” movidos à tração animal.

Os objetos novos ainda ocupam grande parte do espaço: silos de armazenagem e contêineres climatizados, além de pluviômetros (equipamento para a medição da pluviosidade ocorrida numa região). Estes novos meios retiram de cena os conhecimentos ancestrais adquiridos de geração a geração. Assim, os atrativos modernos nos levam a repensar o sentido do território, das territorialidades e da identidade no meio rural simãodiense no tocante à forma como o retrata agricultor retratar seu entorno, suas relações comunitárias e sua forma de produzir. Desta feita, um *feedback* (retorno ao passado), por parte do agricultor, prescinde de uma nova construção de seu “espaço vivido”, remontando-o segundo à restituição dos ritos e das formas de socialização local.

O Território, as Territorialidades, a Identidade no meio rural do município sergipano de Simão Dias, Brasil

O contexto do Espaço Agrário no município de Simão Dias está representado nas escalas de relações do agricultor com seu terreno (a roça). Este relacionamento é delimitado segundo o próprio sentido de “poder” e de “ser”, sendo estes sentidos cognitivos configurados como uma forma de autorreconhecimento do agricultor.

Ao observar o seu espaço de produção (a roça), o agricultor constrói, interiormente, sua “dignificação humana”, sendo este sentimento fruto da relação simbólica com o espaço corporificado na sua “tarefa de terra” (medida de área rural), a qual constitui medida social de valorização e pertencimento.

Raffestin (1993) afirma que o território surge após o espaço mediante a intencionalidade do ator, o qual ele chama de ator sintagmático (ator que realiza uma ação programada). Desta maneira, os agricultores simãodienses são responsáveis em determinar, de forma sintagmática ou programada, o seu território – neste caso, a sua gleba de terra, na qual colocam sua identidade atribuição de valor.

O significado do território é tratado por Raffestin através da reflexão quanto ao seu significado real: “Falar de território é fazer uma referência implícita à noção de limite que, mesmo não sendo traçado, como em geral ocorre, exprime a relação de um grupo [ou um indivíduo] com uma porção do espaço. A ação desse grupo gera, de imediato, a delimitação. (...) Sendo a ação sempre comandada por um objetivo, este é também uma delimitação em relação a outros objetivos possíveis” (RAFFESTIN, 1993, p.153).

Por conseguinte, o território é definido, no seu caráter principal, com “referência às relações sociais (ou culturais, em sentido amplo) e ao contexto histórico em que está inserido” (HAESBAERT, 2004, p.115). Dentro deste aspecto, o homem do campo simãodiense mantém o mesmo vínculo de parentesco e vizinhança igualmente ao que era mantido pelos seus pais. Este fato decorre da cordialidade que é característica das áreas rurais do município.

Conforme Haesbaert (2004, p.116), a territorialidade ou a “contextualização territorial” é inerente à condição humana”, o que constitui princípio fundamental para que a identidade do sujeito passe a ser garantida e a concepção do seu espaço vivido se

mantenha inabalável. Foi visto que o território é personificado na forma da gleba de terra (a roça), onde o agricultor se enraíza ou onde ele fundamenta sua “identidade como cidadão do campo”.

Observa-se o comportamento do agricultor ao percorrer, com os olhos, a sua roça, a qual assume a forma do “mundo vivido” e do “modus vivendi” ideal. Para tal fim, o “conhecimento e o encantamento, o banal e o extraordinário, o estranho e o familiar, o inesperado e o repetitivo podem, enfim reunirem-se como movimento que explica a diversidade da existência humana” (BARBOSA, 2000, p.70).

O homem “rural”, a natureza e a terra agricultável interagem na busca por uma “sinergia” total e “transcendental”, onde o simbolismo do meio rural é o sentido do rural e o modo de vida da própria sociedade rural. Segundo Santos (2002, p.128), o “símbolo” se afirma quando a sociedade se contrai ao “momento anterior”. O retorno às práticas não mecanizadas, a valorização das tradições do meio rural e a busca pela autonomia em relação ao capital bancário e tecnológico, construindo um simbolismo próprio.

A sua “roça” é o seu “modo de ser”, o seu “modo de viver” e a sua “fonte de recursos”. O agricultor concebe seu mundo através da (re) construção diária de seu cotidiano pela “percepção” e “cognição” do seu espaço vivido (a roça). Oliveira (2002) apresenta da melhor forma, os itinerários para o entendimento das concepções sobre percepção e cognição do espaço vivido. Como uma parte do concreto, a percepção é, segundo Oliveira (2002, p.190), a capacidade de utilizar os aparelhos sensoriais para se observar o espaço. Para tal, o campo da percepção visual é o mais conveniente e o mais usual, associando-o às “relações métricas” e aos “símbolos lógicos”.

Oliveira (2002, p.191) afirma que “a percepção é a apreensão de uma qualidade sensível, acrescida de uma significação, como uma qualidade essencial, e não apenas um acréscimo”. Desta forma, o agricultor, simultaneamente, estabelece uma relação real-simbólico com a sua roça, preparando-se para estabelecer o significado do seu espaço rural (sua roça) dentro do domínio da cognição, enfatizando-a, por isso, dentro do campo da “inteligência”.

Afirma Moraes (1996, p.27a) que a presença do simbólico, neste caso, na idealização do espaço provém da “leitura da paisagem” como uma forma comum à sociedade. Por este motivo, a “construção do habitat, necessariamente, envolve

projeções, pré-idealizações, avaliações; enfim, formas de consciência do espaço” (MORAES, 1996, p.27b).

As manifestações baseadas em “representações” são tidas como produtos de uma “história pessoal” que está associada a “saberes” e as “experiências adquiridas” e concretizadas pela cognição social (KOZEL, 2002, p.217). Kozel revela, ainda, que o processo “cognitivo” leva ao entendimento sobre o “indivíduo e, conseqüentemente, sobre sua visão de mundo, contribuindo para explicar os comportamentos e redimensionar as ações” (KOZEL, 2002, p.221). Por conseguinte, para Almeida (2003, p.73a), os termos “imaginação” e “imaginário” são “termos próximos”. Neste caso, responde a autora que: “Imaginação é a faculdade de evocar imagens ausentes, fictícias, irreais, enterradas no nosso profundo eu. O imaginário é, sobretudo, a capacidade de formar as imagens fornecidas pela percepção, de nos libertar das imagens primeiras, de mudar as imagens” (ALMEIDA, 2003, p.73b).

A busca pela identidade promove disputas “de grupos” que tentam manter intacta a sua identidade e propor o “reconhecimento público com a identidade – a auto-representação” e seus atributos, “não apenas em termos da classe na qual se inserem, da denominação que se atribuem, mas também quanto aos conteúdos/atributos básicos dessa classe” (PENNA, 1992, p.76). O processo das “lutas pelo autoconhecimento das identidades” promove uma redescoberta do agricultor acerca de seu estado de “ser” aliado à mistificação de seu mundo vivido.

Assim, o processo de cidadania no meio rural simãodiense ocorre quando o agricultor busca a si mesmo, materializando o seu Eu e sua própria existência à adoração de sua gleba de terra. A roça não assume uma forma endeusada pelo agricultor, mas é reconhecida como uma “dádiva divina”, uma “Graça de Deus”, da qual ele retira a sua sobrevivência e personificação de sua cidadania, bem como a relação que estabelece entre sua memória e seu cotidiano.

A Memória e o Cotidiano: o passado e o presente em interfaces, Brasil

Dentro do projeto de uso ou implantação da mudança técnica no espaço, não se observa, no espaço rural simãodiense, peculiaridades que, amplamente, favorecem a “vida que a alma” (SANTOS, 2002, p.64).

Por conseguinte, expressa-se a busca pela defesa e compreensão das práticas e das relações sociais ancestrais (práticas agrícolas tradicionais, compadrio e ritos religiosos) no meio rural simãodiense, resultando numa busca pela interface entre o passado e o presente, ou seja, resultado do resgate das manifestações culturais, religiosas e sociais para a própria construção do cotidiano do agricultor simãodiense.

Desta forma, surge, nos regastes teóricos sobre o tema, a contribuição de João Carlos Tedesco ao desenvolver sua análise sobre o “feedback social”. Para o autor, a interface entre o passado e o presente corresponde à introdução da análise sócio-histórica da memória. De acordo com Tedesco (2011, p.22), a memória está subordinada aos múltiplos campos e dimensões, as quais abrangem a cultural, a histórica, a religião e a sociabilidade. No tocante à dimensão cultural da memória, a ideia de que a cultura tende ao resgate de modos de vida com intuito de reverter certo grau de estranhamento do sujeito com as transformações no seu *habitat*, indicando um *momentum*, no qual o indivíduo estabelece sua identidade e suas construções cognitivas de vivência presente. Na dimensão histórica, o sujeito protagoniza sua própria “história de vida” através de contos e relatos do passado, reproduzindo suas vivências passadas e experiências familiares as quais sempre estão presentes nas histórias contadas pelos mais velhos (os antigos). Na dimensão religiosa, através de codificações religiosas (rezas aprendidas, cantos de novenas, etc.), o indivíduo relata sua relação com o sobrenatural através de seus rituais aos santos de devoção nas datas centrais de comemoração religiosa, as quais são acompanhadas por ritmos de zabumbas, fogos de artifícios e alimentos típicos (a exemplo dos pirões).

Na dimensão social, o indivíduo insere-se no vínculo e compadrio e outras formas de socialização do meio rural, experimentando o retorno às velhas relações comunitárias. Na dimensão social, o indivíduo compartilha sua identidade ou sua sensação de pertencimento nas relações coletivas constantes em “meladinhas” (bebidas servidas logo após a gestação de uma mulher) e nos pirões de batizados e apadrinhamentos de recém-nascidos. Daí alimento aparece logicamente como veículo propagador ou impulsionador do modo de vida, da ancestralidade e da socialização dos agricultores.

Os Alimentos Típicos na construção das relações sociais, da vivência espiritual e do “mundo vivido” nos Territórios rurais de Simão Dias, Brasil

Na divergência entre os tempos da modernidade e da realidade social, os indivíduos são conduzidos à etapas significativas de orientações, que vão desde a superação de seus elos com o passado através de sua inserção a uma vida moderna ou a preservação de suas formas coletivas relações tradicionais através da valorização de seus ritos, convivências comunitárias e manifestações culturais.

De acordo com Tedesco (2011, p. 92-111), a consciência profunda induz às escolhas racionais, onde o indivíduo esta imerso. Daí os lugares, os tempos, os ritmos sociais passam a ser conduzidos pelas escolhas do indivíduo, sendo colocadas em extremos sua identidade ancestral e as novidades de uma vida cheia de “artificialidades” culturais provenientes de um modernismo incauto. Por isso, o imaginário e as heranças culturais e ancestrais cedem espaço aos novos costumes modernos ou artificiais, protagonizando uma complexidade mais intrigante para o meu rural (TEDESCO, 2011, p.214-242). Onde podemos inserir os alimentos típicos nesta disputa entre o passado cultural e simbólico e um presente contaminado pelas vicissitudes do modernismo?

Na busca por uma elucidação, em trabalho realizado sobre a catalogação de alimentos típicos no meio rural simãodiense, descobriu-se alguns usos comunitários destes e alguns usos rituais de tais iguarias. Os *pirões* e as *fatadas* foram reconhecidos como formas de fortalecimento da memória local, os quais, somados a outros pratos da culinária típica, conduziam a formas ainda mais interessantes de revalorização dos modos de vida do meio rural simãodiense através de focos de resistência as modernidades, isto é, em prol da preservação das antigas relações comunitárias.

Alguns relatos produzidos por entrevistas de campo conduziram a algumas elucidações sobre a preservação de alimentos típicos relevantes à vida social dos agricultores simãodienses. Na pesquisa, encontrou-se estreita correlação entre as relações sociais herdadas de pais e avós e a prática da culinária típica. No Quadro 01, as comemorações de casamento e compadrio, entre outras manifestações sociais do rural, possibilitaram a conversão dos alimentos típicos em formas de estabelecimento de elos entre os indivíduos no meio rural.

Quadro 01: A relação entre o alimento típico e as relações sociais estabelecidas pelos agricultores no município de Simão Dias.

Dias de festejos	Alimentos	Usos destes alimentos
Domingos	Fatadas	Comemorações de casamentos e compadrio.
Sábados e Domingos	Pirão de osso de correr	Comemorações e reencontro comunitário.
Indefinido	Pirão de Capão	Comemorações e reencontro comunitário. É servido também nos períodos de repouso (resguardo) de quatro semanas após o parto de uma mulher.
Domingos	Pirão de fato e tripa	Comemorações e reencontro comunitário.
Indefinido	Arroz Doce	Reencontro comunitário.
Indefinido	Angú	Comida feita de milho com coco, usado em feriados e mutirões.
Domingos	Cabidela	Comida a base de milho relado, feijão, leite de coco, charque. Usa-se para recepcionar as visitas aos domingos.
Indefinido	Fubá	Comida feita de milho torrado e moído. Usa-se com mel e café e é consumido nos reencontros comunitários em “despalhas do milho”.

Fonte: Pesquisa de campo, 2009.

Além destes alimentos, a presença das relações comunitárias também está visualizada nas práticas produtivas do cotidiano rural como as “despalhas do milho” e a preparação da mandioca nas casas de farinha. Nesta ocasião, a tradição e o alimento se encontram, produzindo trovas e cantos oriundos da capacidade de improvisação dos agricultores em seus tratos culturais. Durante a preparação da farinha, os improvisos

musicais construídos no momento da obtenção do alimento típico, o *beju*, gera preciosidades como a seguinte canção:

*Ô Maria vem vê...
Que a farinha vai gunzá...
Prepara a maniba...
Pra nós cantá...
Beju... Beju... Beju...
Vamos fazer Beju...*
(Fonte: Pesquisa de campo, 2009).

Acima de tudo, o alimento típico protagoniza as intencionalidades do agricultor com relação à sua comunicação com o sobrenatural, convergindo para o uso da culinária local como forma de fazer menção aos santos e aos dias de festejos religiosos. Para cada rito, padroniza-se uma forma própria de indução do alimento típico, gerando uma ordem, que será seguida prontamente a cada ano e a cada dia de devoção. Com base no Quadro 02, visualiza-se a relação existente entre o alimento típico e as manifestações religiosas no município de Simão Dias. Assim, o quadro associa as iguarias aos festejos religiosos, estabelecendo uma contextualização, onde o alimento típico assume o papel de mediador entre os homens e o sobrenatural.

Quadro 02: Os Alimentos Típicos e sua relação com a religiosidade do agricultor simãoense

Dias de festejos	Alimentos	Usos destes alimentos
Indefinido	Pirão de fato e tripa	Comemorações de São Gonçalo e ceia dos Santos.
Indefinido	Fatadas	Novenas.
Sempre no mês junino	Manauê de milho	Tipo de bolo de milho ofertado em comemorações de São João e São Pedro.
Dia de Santo Antônio	Bolo de Mandioca	Comemorações alusivas ao dia de Santo Antônio e quermesses.
Indefinido	Arroz Doce	Reencontro comunitário.
Indefinido	Mungunzá	Alimento preparado a base de leite de coco, açúcar e milho com especiarias (canela). Sempre degustado nas festas de São João, São Pedro e festejos natalinos nos povoados.
Indefinido	Ceia de São Lázaro	Ceia preparada para o pagamento de promessas a São Lázaro, sendo servido aos cães da região.
Indefinido	Ceia de São José	Servido às crianças para o pagamento de promessas.

Fonte: Pesquisa de campo, 2009.

As ceias, os bolos e os pirões estão contidos no universo de devoção do agricultor, idealizando um novo instrumental de enaltecimento da identidade e religiosidade. De igual modo, a própria análise sobre a questão da valorização dos alimentos típicos nos

aspectos sociais, culturais e simbólicos do cotidiano rural, sugere a afirmação de que os mesmos são colocados em páreo com os enfrentamentos do meio rural: de um lado, as invasões modernistas e do outro a superação das dificuldades através das estratégias de revitalização dos modos de vida e de retorno a um passado carregado de aspectos relevantes à vida do próprio agricultor. Desta feita, os alimentos sempre serão formas de ligar o passado ao presente através da reconstrução dos “saberes” e “seres” do meio rural.

Considerações Finais

A criação das territorialidades e a constituição do território promovem uma redescoberta e valorização dos saberes do espaço rural pelo homem do campo. O modo de vida e as formas de construção do espaço são amplamente detentores de um simbolismo que concretizam a própria identidade do agricultor e de seu mundo vivido.

O imaginário do agricultor faz da sua roça amplo santuário onde a “providência divina” confirma o seu propósito de prosperidade. Daí decorre o tratamento da roça como forma de conceber a identidade ou a cidadania “humana” do agricultor. Seu pedaço de terra é o seu verdadeiro modo de ser e fonte inquestionável de sua sobrevivência e reprodução.

Do contrário, observa-se o uso do espaço rural pelo capital que, através da mudança técnica, engendra a forma ideal para a generalização do poder do capital sobre o campo. Esta forma de controle do espaço rural pelo capital ajuda a empreender o processo de acumulação, desvinculando o homem do campo de suas formas anteriores de produção. Novas formas de cultura produtiva são introduzidas, submetendo o agricultor à dependência financeira e à dependência tecnológica. A ludibriação do produtor rural passa pela alegação de que a produtividade só é possível se houver dependência ao capital financeiro (empréstimos bancários para custeio agrícola) e à tecnologia (uso de defensivos, sementes melhoradas, maquinário moderno, etc.). Tal lógica atinge a estrutura social e econômica do meio rural. O próprio capital encarrega-se de converter o agricultor em “escravo” da mudança técnica. Este processo ocorre quando o poder do capital submete as políticas públicas agrícolas.

No caso do estudo sobre o espaço rural do município sergipano de Simão Dias, a valorização dos alimentos típicos contribui para o retorno dos valores, da coletivização local, dos “saberes” e dos “seres” através da ideia de que a memória se liga ao presente através da resignificância dos costumes e dos símbolos passados de geração a geração, superando o flagelo do esquecimento e da mortificação dos sentidos de pertencimento e identidade, dos quais os agricultores fazem uso para a superação dos dilemas de uma modernidade excludente e desenraizada.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Maria Geralda de. Em busca do poético do sertão: um estudo de representação. In: ALMEIDA, Maria G. de e RATTTS, Aleesandro J.P. (org.). **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003. pp. 73-76

BARBOSA, Jorge L. A arte de representar como reconhecimento do mundo: o espaço geográfico, o cinema e o imaginário social. In: **Revista do Programa de Pós-graduação em Geografia - GEOgraphia**. Departamento de Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Ano II, nº 3, jun., 2000. pp. 70-75

BERNARDES, Júlia A. Mudança Técnica e espaço: uma proposta de investigação. In: CASTRO, Iná E. de; GOMES, Paulo C. da Costa; CORRÊA, Roberto L. (org.). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. pp.240-243

HAESBAERT, Rogério. Des-caminhos e perspectivas do território. In: RIBAS, Alexandre D.; SPOSITO, Eliseu S.; SAQUET, Marcos A. (org.). **Território e desenvolvimento: diferentes abordagens**. Francisco Beltrão. Paraná: Unoest, 2004. pp.115-119

IBGE. **Censo Demográfico de 2000**. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, dados referentes ao município de Simão Dias, Sergipe.

IBGE. **Censo Demográfico de 2010**. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, dados referentes ao município de Simão Dias, Sergipe.

KOZEL, Salete. As representações no geográfico. In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salete (org.). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba. Paraná: Ed. da UFPR, 2002. p.217-221

MORAES, Antonio C. R. **Ideologias geográficas – Espaço, cultura e política no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1996. pp.27-29

OLIVEIRA, Livia de. Ainda sobre e percepção, cognição e representação em geografia. In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salete (org.). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba. Paraná: Ed. da UFPR, 2002. pp.190-193

PENNA, Maura. **O que faz ser nordestino – identidades sociais, interesses e o “escândalo” Erudina.** São Paulo: Cortez, 1992. pp.76-79

RAFFESTIN, Claude. O Que é o território? In: RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder.** Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Editora Ática, 1993. p.153-160

SÁ JR., Francisco. O Desenvolvimento da agricultura nordestina e a função das atividades de subsistência. In. **Seleções CEBRAP 1.** São Paulo: Edições CEBRAP; Editora Brasiliense, 1975. p.93-105

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002. pp.60-63

TEDESCO, João Carlos. **Passado e presente em interfaces: introdução a uma análise sócio-histórica da memória.** Porto Alegre: Editora Suliani Letra & Vida, 2011. pp. 22- 242

Recebido para publicação em agosto de 2012

Aprovado para publicação em setembro de 2012